



UM DIA OS BAPTISMOS AINDA HÃO-DE SER BAPTISMOS

Era-me desconhecida e cuido agora, a uma distância de dez quilómetros, que me pôs a suar pelo calor que ainda sinto atravessar-me o peito e a nuca. *Queria baptizar o filho por tudo o que é mais sagrado*, dizia. Já baptizara, faz dez anos, uma filha, e agora era a vez do petiz que tem, Senhor Padre, dois meses. *Eu sei que já o devia ter baptizado, Senhor Padre, mas não tive tempo*. É que o tempo, penso, só existe em nós para aquilo que é a nossa vida. A filha baptizada era do marido, de quem estava divorciada. O filho era do companheiro, que é uma palavra que entrou no vocabulário do amor dos dias de hoje. Expliquei, incomodado, que não era a melhor posição para pedir o baptizado e provei-o com números de Leis da Igreja. Mas acrescentei que a criança não tinha culpa, desculpando-me, e que podíamos procurar requisitos *para ela se baptizar*.

Concordou, claro. Depois falei de uma reunião de preparação e começou o habitual negócio de quem não tem as ideias claras da fé. *Eu não tenho tempo para isso, Senhor Padre*. E apesar de só ainda estarmos no início da conversa e do negócio, foi perguntando *para que era tanta coisa*, e afirmando *que eram muitas burocracias*. Insisti na verdade das coisas, e concordou, claro, porque ela queria um baptizado com verdade.

Era difícil por causa do horário de trabalho do pai que este pudesse estar presente. Perguntei-lhe *se também não ia arranjar tempo para ir ao baptizado*. Compreendeu e falou *que ia resolver*. Falámos dos Padrinhos e do que se lhes exigia. E continuou o linguajar das burocracias. Informei *que podia procurar outra Paróquia* e disse *que não queria*. Falámos das datas, dos horários e de ser realizado perante a comunidade, na missa, motivos para disparar *que ninguém tinha nada a ver com a vida dela*. Escolheu um sábado e eu falei da missa vespertina. Concordou até perceber *que missa vespertina era à tarde e não de manhã*. Falei que eram as normas da Igreja, que não eram minhas e que já toda a comunidade as conhecia. Há três anos que estou aqui. Não sabe. Não conhece, como eu não a conheço. *Não vai à missa*, sorriu para disfarçar. Perguntei-lhe, com um sorriso marcado por dentes, mais cerrados que abertos, *se ela pretendia que a criança fizesse uma caminhada de fé quando ela não a estava a fazer*. Calou-se ou achei que a tinha calado. Dei-lhe uns formulários a preencher de um lado e para entender as razões do baptismo do outro.

Descaradamente voltou ao dicionário das burocracias. Se as paredes da sacristia estivessem preparadas e não tivessem o branco de uma pintura recente, garanto que as tinha trepado. Por dentro já eu estava a trepar. Voltei-me de novo para ela, cara a cara, olhos nos olhos, e perguntei: *Mas afinal eu pedi-lhe para baptizar o seu filho?*

Blogue "Confessionário dum Padre"

Dezembro 24, 2011